

OBSERVATÓRIO DA PROBLEMÁTICA DA SECA E DO COVID-19 NA AGRICULTURA FAMILIAR NA REGIÃO SUL DO RS: RELATÓRIO DO PROJETO DE EXTENSÃO

*OBSERVATORY OF THE DROUGHT PROBLEMS AND COVID-19 IN FAMILY FARMING IN THE SOUTHERN
REGION OF RS: THE EXTENSION PROJECT REPORT*

Juliana Cristina Franz - Professora Doutora dos Cursos de Geografia – Instituto de Ciências Humanas e da Informação – FURG – Universidade Federal do Rio Grande, Campus Carreiros, Av. Itália, s/n, km8, Carreiros, Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: julianafranz@gmail.com

Letícia Paludo Vargas - Professora Doutora no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC). Campus Universitário de Canoinhas, Rua Roberto Ehlke, 86 – Centro – Canoinhas, Santa Catarina, Brasil. E-mail: letipvargas@gmail.com

Mário Conill Gomes - Professor Doutor - Departamento de Ciências Sociais Agrárias e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais- Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel - UFPel - Universidade Federal de Pelotas, Campus Universitário s/n - Capão do Leão - RS, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mconill@gmail.com

Fernanda Dias de Ávila - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal de Pelotas, Campus Capão do Leão, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Departamento de Ciências Sociais Agrárias, Caixa Postal 354, CEP 96010-900, Capão do Leão, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: fehavila@hotmail.com

Alice Pereira Lourenson - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal de Pelotas, Campus Capão do Leão, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Departamento de Ciências Sociais Agrárias, Caixa Postal 354, CEP 96010-900, Capão do Leão, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: alicelourenzon@gmail.com

Tatiana Porto de Souza - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal de Pelotas, Campus Capão do Leão, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Departamento de Ciências Sociais Agrárias, Caixa Postal 354, CEP 96010-900, Capão do Leão, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: tatiportodesouza@gmail.com

RESUMO

No Sul do Brasil, o início do ano foi marcado por uma grande seca que coincidiu com o aparecimento da pandemia de COVID-19. Dessa forma, o objetivo do Projeto Unificado de extensão universitária foi motivado pela necessidade da realização de um diagnóstico desta situação crítica vivida pelos agricultores da região Sul do RS. A metodologia do projeto é composta por dois momentos: 1) o da elaboração dos informes, no qual há uma fase de coleta de informações e posterior divulgação; 2) o da (re)construção de conhecimento, personalizado pelo ciclo de palestras, onde ocorre o contato do grupo de trabalho com um público mais amplo e com o qual se abre um espaço para crítica e para a troca de saberes. Cabe destacar que neste período de afastamento social, todas as etapas do projeto ocorreram de forma virtual. Essa ação agrega valor aos integrantes do projeto, incluindo internos (organização) e externos (população diretamente afetada). O formato digital adotado neste projeto possibilitou a aproximação ao público alvo via redes sociais. Essa estratégia funcionou para manter a universidade em contato com a comunidade, possibilitando uma compreensão melhor das suas dificuldades e contribuição para discussão e busca de soluções. Por fim, a participação da comunidade em ambos os momentos deste projeto evidenciou que eles são capazes de proporcionar um ambiente de debate, compreensão e troca de informações sobre os problemas enfrentados, para que sejam encontradas possíveis alternativas, nesse caso, para os agricultores familiares.

Palavras-chave: Extensão universitária. Pandemia. Estiagem. Rural.

ABSTRACT

In southern Brazil, the beginning of the year was marked by a great drought that overlapped with the appearance of the COVID-19 pandemic. Thus, the objective of the Unified Project of university extension was driven by the need to make a diagnosis of this critical situation experienced especially by farmers in the Southern region of Rio Grande do Sul. The project methodology consists of two moments: 1) drafting the reports, splitted in two phases: one for information gathering and other for information release; 2) the (re)construction of knowledge, personalized by a series of lectures, where the working group and a wider audience share a space for criticism and exchange of understandings. It is worth noting that in this period of social distancing, both moments of the project took place digitally. This action adds value to project members, either internal (organization) or external (directly affected population). With the digital format used in this project it was possible to maintain social distancing while approaching the desired public via social networks. This strategy worked to keep the university in contact with the community, to enable a better understanding of its difficulties, to contribute for discussion and solutions. Finally, the community engagement in both moments of this project showed that they are able to provide an environment of debate, understanding and exchange of information about the problems faced so that possible alternatives are found, in this case, for family farmers.

Keywords: University extension. Pandemic. Drought. Rural.

INTRODUÇÃO

A educação superior brasileira tem passado por inúmeras transformações ao longo dos anos. De um ensino predominantemente tradicional, iniciou-se um processo de transformação, no qual busca-se a inclusão, de forma a haver uma relação mais efetiva com a comunidade que a cerca. Partindo do princípio de que a universidade, como instituição formativa e transformadora, tem papel de integrar seu trabalho e projetá-lo transversalmente através de um modelo de desenvolvimento baseado em seu processo fundamental de extensão universitária. A extensão universitária, interconectada com outros processos e com o meio ambiente, utiliza os recursos necessários para cumprir sua missão, devendo ser coordenada, projetada, controlada, e vinculada aos componentes ou funções do ciclo de gestão. Por isso deve estar ancorada em um marco teórico sólido (SOLÍS; LEAL; RIVERO, 2018).

Segundo Nunes e Silva (2011) um dos desafios que já vêm sendo tema de discussão na relação universidade e sociedade são os avanços tecnológicos, tendo em vista as mudanças ocorridas principalmente no campo da tecnologia de informação. Para as autoras, as instituições de ensino precisam repensar suas funções e as formas em que as colocam em prática. Neste sentido, diante do contexto atual relacionado à seca e à COVID-19, professores do Departamento de Ciências Sociais Agrárias (DCSA) da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), estudantes da mesma instituição e pesquisadores de outras instituições, propuseram a realização de um diagnóstico da situação dos agricultores familiares e das atividades agropecuárias na região Sul do Rio Grande do Sul, especialmente no que diz respeito aos seguintes aspectos: saúde, produção, comercialização, articulações e preocupações futuras. O objetivo, diante da atual conjuntura, é construir um processo de reflexão e avaliação coletiva e dinâmica dos problemas enfrentados pelos agricultores familiares da região, inserindo a UFPEL na busca de alternativas para o enfrentamento desta crise causada pela seca e pela pandemia (COVID-19).

A elaboração do projeto de extensão justificou-se pela possibilidade de realizar um diagnóstico e propor ações que configurem possíveis alternativas para o enfrentamento da crise pelos agricultores familiares da região. Com este relatório pretende-se mostrar o cenário do Projeto Unificado, seus principais resultados e a importância dos projetos de extensão no âmbito universitário.

A FUNÇÃO SOCIAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO LOCAL/REGIONAL

As Instituições de Ensino Superior (IES) possuem, como principais dimensões de atenção, o ensino, a pesquisa e a extensão. O artigo 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) dispõe que as universidades brasileiras devem obedecer ao princípio da indissociabilidade dessas dimensões, de modo que elas, de forma conjunta, se transformem em eixos articuladores da atuação das universidades (MOITA; ANDRADE, 2009). A extensão universitária não é levada em consideração por muitos docentes, dando ênfase, principalmente no ensino, quando na graduação, e na pesquisa, no caso da pós-graduação, prejudicando os objetivos e princípios das IES, em envolver as demandas sociais. Aos poucos a extensão foi ganhando espaço no fazer acadêmico, através de pressões e críticas como resposta aos seus compromissos com a sociedade (MOITA; ANDRADE, 2009).

Sob outra perspectiva, Sólis, Leal e Rivero (2018) expõem que a extensão apresenta-se através de três modelos: (i) o tradicional, que concebe a universidade como fonte de conhecimento e estabelece uma relação de conhecimento institucionalizado e hierarquizado, em uma perspectiva unidirecional e linear entre o doador ao receptor, configurando um caráter assistencial; (ii) o economista, que considera a universidade uma empresa que interage mais no mercado e adota o papel de suporte científico e técnico do setor produtivo, no qual o conhecimento é organizado de acordo com a rentabilidade econômica e; (iii) o de desenvolvimento integral, onde a universidade assume a perspectiva de democratização do conhecimento e com ela a função social de contribuir para melhorar a qualidade de vida da sociedade. Este último modelo, mostra a extensão de uma universidade democrática, crítica e criativa, de um diálogo interativo e multidirecional com os diferentes atores envolvidos no relacionamento. A extensão de uma universidade que não apenas contribui para o crescimento cultural, mas também para a transformação social e econômica da comunidade (SÓLIS; LEAL; RIVERO, 2018).

Busca-se, então, no projeto em questão, romper barreiras, historicamente construídas relacionadas a extensão tradicional, e possibilitar através da implantação do Observatório da Problemática da Seca e do COVID-19 realizado pelo DCSA da UFPel uma atividade dialógica com os agricultores familiares, que trabalham de maneira individual ou organizados em cooperativas, associações ou fóruns de discussão, aproximando-se do modelo de extensão integral (SÓLIS; LEAL; RIVERO, 2018). Em se tratando de um período de crises, o papel da universidade se apresenta como de maior relevância.

É importante considerar a análise de Freire (1983), ao argumentar sobre o equívoco do termo extensionista, especificamente no setor agrário, visto que o termo extensão remete a uma transmissão de conhecimentos, no qual o técnico detém o conhecimento e o agricultor o recebe passivamente, não havendo uma análise crítica, cultural e social. Com isso, a comunicação é fundamental para que se leve em consideração a troca de conhecimentos e a relação de interação entre educador e educando, com vistas a, atuar conjuntamente para modificar os cenários que, necessariamente necessitam alterações (FREIRE, 1983).

Nesse sentido, a extensão tem papel fundamental na democratização do conhecimento e assume a função social ao contribuir para a maior e melhor qualidade de vida da sociedade,

a partir de um diálogo interativo e multidirecional com os diferentes atores envolvidos no relacionamento (SOLÍS; LEAL; RIVERO, 2018). Expandindo a visão tradicional de produção do conhecimento teórico-abstrato para um processo social considerando todos os espaços, dentro e fora das instituições, como uma sala de aula (NUNES; SILVA, 2011). A etapa que hoje vivenciamos nas atividades do observatório corrobora essa visão de compartilhamento das informações e construção de conhecimentos, através das reuniões e conferências, mesmo que utilizando ferramentas digitais.

O CENÁRIO DA COVID-19 NA AGRICULTURA FAMILIAR

A doença COVID-19 causada pelo vírus SARS-coV-2, altamente infecciosa e, até então desconhecida, trouxe uma crise sanitária e transformações jamais imagináveis anteriormente. Diante dessa pandemia, houveram impactos nos mais diversos setores: econômicos, sociais, políticos, ambientais, entre outros (IPEA, 2020).

Uma forma de enfrentamento na disseminação da doença são as políticas de isolamento social e quarentena. Segundo Qiu, Chen e Shi (2020) essas medidas auxiliam significativamente na diminuição da taxa de transmissão de vírus, de acordo com estudo realizado entre janeiro e fevereiro de 2020, em Wuhan, na China, cidade onde ocorreu o primeiro caso e surto de COVID-19 no mundo.

Nesse sentido, um dos setores produtivos mais impactado pelas políticas de quarentena, instauradas para conter a propagação da COVID-19, é a agricultura familiar. De acordo com o IPEA (2020), as dificuldades de escoar a produção, pela diminuição de demanda em escolas, restaurantes, cancelamento das feiras livres em alguns municípios, além de dificuldades em manter repasses dos Programas Institucionais do Governo acarretam efeitos de incertezas na economia desse setor, afetando diretamente a renda projetada para algumas propriedades rurais, que buscaram alternativas para se manterem ativas e produtivas no atual contexto.

Além da dimensão econômica, a agricultura familiar também envolve as dimensões social, cultural, ambiental e territorial. Medeiros (2007) expõe que as unidades de produção familiar buscam se reproduzir tanto social quanto economicamente, organizando e realizando a produção através da força de trabalho familiar. Sabe-se que a agricultura familiar está envolvida em uma realidade complexa, e a sua manutenção e funcionalidade ultrapassam a dimensão econômica da geração de renda ou lucro. Neste sentido, o Projeto do Observatório da Problemática da Seca e da COVID-19 na Agricultura Familiar da Região Sul do Rio Grande do Sul busca dar visibilidade para as questões atreladas à agricultura familiar para além da dimensão econômica, considerando os aspectos sociais, culturais, ambientais e territoriais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

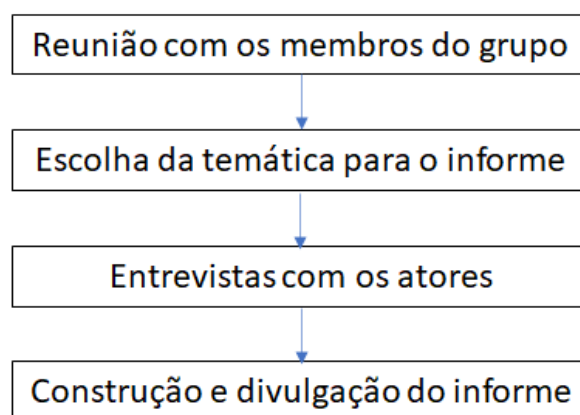
Para esta atividade de pesquisa e extensão foi utilizada a metodologia qualitativa descritiva, que segundo Minayo *et al.* (2009) tem por objetivo descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, e utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Como instrumentos para coleta de dados, foram utilizados diferentes roteiros de entrevistas semiestruturadas com agricultores familiares, técnicos de entidades de apoio, gestores públicos e consumidores. O principal produto das entrevistas foi a elaboração de informes semanais, publicados de maneira colaborativa, construídos a partir das reuniões, dos questionamentos feitos aos atores envolvidos com a temática e do ciclo de palestras.

Cabe destacar que o projeto é composto por dois momentos distintos: 1) o da elaboração dos informes, no qual há uma fase de coleta de informações (onde o fluxo de conhecimento e informação flui predominantemente do público alvo ao grupo de trabalho) e uma fase de divulgação (onde o fluxo de conhecimento e informação flui no sentido inverso); 2) o da (re) construção de conhecimento, personalizado pelo ciclo de palestras, onde ocorre o espaço da troca, da crítica, do contato do grupo de trabalho com um público alvo mais amplo.

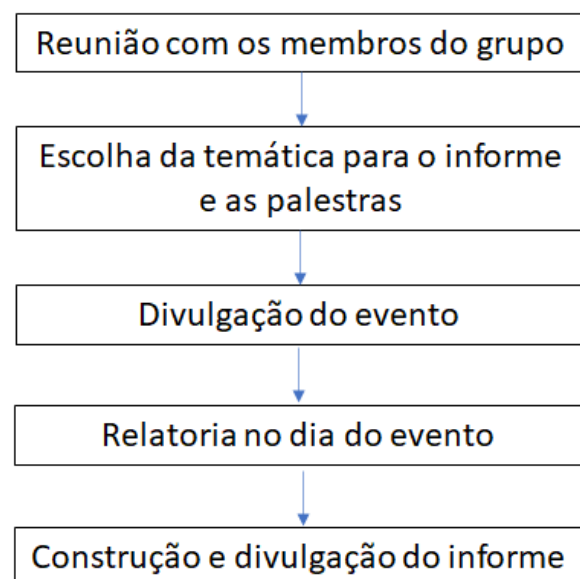
Na figura 1 é possível observar como se dá a formação dos informes a partir das reuniões e entrevistas, e, na figura 2, está exposta a formação dos informes a partir do ciclo de palestras, facilitando assim o entendimento da observação.

Figura 1- Construção dos informes a partir das reuniões e entrevistas.



Fonte: Autores, 2020.

Figura 2 - Construção dos informes a partir do ciclo de palestras.



Fonte: Autores, 2020.

Os informes, descritos na figura acima, são relatórios das informações coletadas pelo grupo de trabalho do projeto de extensão junto a diferentes atores sociais envolvidos na produção agropecuária, na comercialização da produção, no atendimento à categoria da agricultura familiar e até mesmo no consumo. A ideia dos informes era apresentar a situação dos agricultores frente à problemática da pandemia e da seca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia inicial do projeto de extensão foi a realização de um diagnóstico da situação da problemática da seca e da COVID-19 vivida pelos agricultores da região Sul do RS. Para isso, os integrantes entraram em contato, via meios digitais, com os atores vinculados à agricultura familiar da região sul do Rio Grande do Sul - instituições públicas, agricultores, cooperativas, associações de produtores, secretarias de desenvolvimento rural, de agricultura, de bem-estar social, consumidores, dentre outras instituições, objetivando compreender o contexto e, posteriormente, analisar e construir conjuntamente alternativas possíveis. Este contato iniciava-se a partir de conversa informal, conduzindo até uma entrevista com perguntas abertas.

As reuniões semanais entre os membros do grupo do projeto aconteceram via plataforma de conferência RNP, sistema institucional da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, e iniciaram no dia 01 de abril de 2020. A partir das reuniões foram elaborados informes, construídos de maneira colaborativa pelos professores, alunos e pesquisadores envolvidos no projeto, com os resultados analisados, a partir das entrevistas. Ainda, no mês de junho, começou a ser realizado o ciclo de palestras, contando com palestrantes especialistas em determinadas temáticas relacionadas à agricultura familiar, pandemia e seca, mediados por um dos professores do grupo. Os convidados externos ao grupo se inscreveram na qualidade de ouvintes e, ao fim, participaram do debate, podendo realizar questionamentos.

Para Nunes e Silva (2011) as instituições de ensino devem ser além de um laboratório, uma pesquisa ou um objeto de estudo. A universidade deve ser um espaço de pessoas, demandas, reivindicações, saberes dentro e fora dos espaços físicos da instituição. Neste sentido, a construção de um ciclo de palestras foi pensada a partir da necessidade que o grupo sentiu em ampliar o debate com a comunidade em geral e também como uma alternativa de aproximar os estudantes da instituição em um momento de isolamento social, ocasionado pela COVID-19, contribuindo como uma atividade complementar ao calendário acadêmico de atividades remotas da UFPel. A partir da relatoria dos debates foram construídos informes dos eventos. Até o informe número 7 foram entrevistadas vinte e uma pessoas. Posteriormente, os seguintes (oitavo e nono) apresentaram uma síntese das discussões que ocorreram no Ciclo de Palestras.

A divulgação do grupo, bem como os informes e o ciclo de palestras foi feita através das redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e e-mail, possibilitando abranger os distintos públicos envolvidos com a temática. Além disso, os informes ficaram disponíveis no website do Observatório do Departamento de Ciências Sociais Agrárias (DCSA), com acesso livre, disponível no seguinte endereço: <https://wp.ufpel.edu.br/dcsa/observatorio-do-dcsa/>.

INFORMATIVOS

A elaboração e publicação dos informes foram uma alternativa encontrada pela equipe do projeto para dar publicidade a situação do rural da Região Sul frente à problemática da seca e do COVID-19. A ideia central era ouvir os atores envolvidos no rural, a partir de conversas informais e entrevistas dirigidas. Cada informe vislumbrou aprofundar uma temática dentro do objetivo principal da investigação, e para cada informe foram entrevistados distintos atores sociais atuantes no rural ou na cidade.

Estes informes do projeto de extensão sobre o cenário rural foram publicados com uma periodicidade de dez a quinze dias, e são divulgados na página principal da Universidade, nas redes sociais além de buscar distintas parcerias para publicitar os informes. Em busca de mais uma alternativa para ampliar o acesso aos informes, a partir do sétimo informe fez-se a leitura

dos mesmos no formato de *Podcast* para disponibilizar no formato de áudio os informes, até o momento foram publicados nove informes.

A partir das entrevistas que subsidiaram a elaboração dos informes, buscou-se ouvir os atores envolvidos no cotidiano da produção agrícola, e de como estes foram afetados com os efeitos da seca e da pandemia do COVID-19. Representantes de associações, sindicatos e outras entidades ligadas à agricultura familiar também foram ouvidos, apresentando um panorama mais amplo no que se refere às políticas que vêm sendo traçadas e também omitidas neste período. Sempre com criticidade buscou-se apresentar contrapontos e reflexões.

Neste sentido, Wanderley (2009) afirma que o agricultor familiar se caracteriza como um ator social atuante na formação da sociedade em geral do mundo todo, por carregar rupturas e continuidades da sua história desde o campesinato da Idade Média até a atual modernidade. E, o agricultor familiar constrói a sua história dentro de um campo de forças da sociedade moderna, procurando adaptar-se para manter-se ativo no contexto atual das transformações sociais, culturais, políticas e econômicas.

O primeiro Informe do Observatório da Problemática da Seca e da COVID-19 na Agricultura Familiar da Região Sul do Rio Grande do Sul foi publicado no dia 10 de abril de 2020. O documento buscou apresentar o contexto rural regional diante da pandemia, através do contato com distintos atores vinculados à agricultura familiar da região (instituições públicas, agricultores, cooperativas, associações de produtores, secretarias de desenvolvimento rural, de agricultura, de bem-estar social, dentre outras instituições) para compreender o contexto e posteriormente analisar e propor alternativas. A reflexão deste primeiro informe balizou-se nos seguintes questionamentos: Como os agricultores estão se informando? Que preocupações eles tem com a produção? Como comercializar em meio a uma pandemia? O que pode fazer o poder público (Estadual e Municipal)? As feiras da Agricultura Familiar são uma boa opção?

Já para elaboração do segundo informe, diversos representantes de organizações de agricultores familiares foram entrevistados, entre as entidades entrevistadas estão: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RS), UFPel, Cooperativa dos Apicultores e Fruticultores da Zona Sul (Cafsul), Cooperativa União de Canguçu, Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (Capa), Fórum da Agricultura Familiar da Região Sul do RS, Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (ArpaSul), Cooperativa de Agricultores Familiares Sul Ecológica, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Aura Verde Alimentos e Associação Bem da Terra.

Para o terceiro informe, a equipe do DCSA procurou focar na perspectiva do consumidor. Os questionamentos que balizaram esta análise foram: Será que o consumidor está preocupado com a oferta de alimentos? E os preços? Seus hábitos se alteraram com a COVID-19? Estas entrevistas visaram abordar a sociedade enquanto consumidora dos produtos oriundos do rural e apresentar a sua percepção no que se refere ao abastecimento alimentar das feiras e mercados. Falando da escassez de produtos e oscilação de preços.

A proposta dos Informes desde o princípio não foi apresentar uma escrita estritamente científica, mas sim refletir a percepção dos pesquisadores acerca da realidade local e regional diante da peculiaridade da situação atual, que vem sofrendo constantes alterações. A construção desta percepção ocorre a partir de conversas e entrevistas com os atores envolvidos.

No quarto informe, o enfoque foi sobre os produtores de soja, milho, fumo, carnes e leite. Estes produtos também são típicos da agricultura familiar e os produtores enfrentam problemas não muito diferentes dos produtores de hortifrutigranjeiros. Nos três informes anteriores foram analisadas as situações referentes à produção e ao consumo de alimentos através da consulta com agricultores familiares, consumidores e organizações vinculadas majoritariamente à

produção de hortifrutigranjeiros na região Sul do Rio Grande do Sul. Em virtude da reconhecida diversidade da agricultura familiar e em resposta aos questionamentos de alguns atores, este informe tratou de outro público da agricultura familiar, caracterizado por agricultores mais dependentes dos cultivos comerciais e dos mercados agroindustriais, tais como os produtores de soja, milho, fumo, carnes e leite. A justificativa para essa escolha deve-se ao fato de que os produtores de alimentos destinados à cesta básica das famílias, estão conseguindo, na medida do possível, se articularem para as entregas nos mercados locais, diretamente nas casas, em feiras, para grupos de consumo, dentre outros meios. Porém, aqueles produtores que trabalham na produção de grãos estão com maiores dificuldades, especialmente com relação à seca na região.

O foco do quinto informe foram as políticas públicas em todos os níveis: federal, estadual e municipal e que ações recomendamos a luz dos dados analisados. A pandemia afetou a comercialização da produção agrícola, as vendas vinculadas aos programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), por exemplo, foram praticamente interrompidos com o fechamento das escolas, a paralisação das aulas nas universidades e a diminuição gradual de recursos destinados a esses mecanismos de compras públicas nos últimos anos (notadamente a desestruturação do PAA).

Neste informe são destacadas as alternativas que começaram a ser estruturadas em distintos municípios da região Sul, a partir destas dificuldades desencadeadas pelos Programas Governamentais. Destacam-se neste quesito, a venda de alimentos a partir do uso das redes sociais. Além destas, os pesquisadores apontaram alternativas de articulações políticas nas distintas esferas de governança para manutenção dos programas públicos de aquisição de alimentos, interpretando a legislação vigente e o que a mesma permite.

Nesse momento de incertezas frente à pandemia da COVID-19, diversos órgãos internacionais têm apontado a agricultura familiar como ator importante na garantia da segurança alimentar e nutricional das populações afetadas e na manutenção do abastecimento alimentar local dos países. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), por exemplo, tem destacado que essa não é apenas uma crise sanitária, mas também uma crise econômica e alimentar decorrente da paralisia gerada pelas ações adotadas para mitigar a transmissão do vírus.

O sexto informe analisou os principais efeitos da estiagem e da pandemia da COVID-19 para os diferentes públicos vinculados à Agricultura Familiar, são eles: assentados de reforma agrária, quilombolas, pescadores artesanais e representantes de entidades ligadas à agricultura familiar. Também foi discutido o impacto do veto presidencial ao PL 873/20 da Lei 13.998/20, que estenderia o auxílio emergencial mensal de R\$ 600,00 a tais categorias da agricultura familiar do país e tratou de alternativas de comercialização encontradas pelos agricultores familiares.

Com relação à comercialização, verifica-se um conjunto de ações para o enfrentamento das crises (sanitária e estiagem) que estão sendo desenvolvidas pelos atores e associações consultadas. Em resumo, a Emater disponibilizou um canal para conectar os consumidores à agricultores familiares próximos a suas residências e quais produtos estão disponíveis para comercialização. A Cooperativa Sul Ecológica está com pedidos via telefone ou *WhatsApp* e fechou uma parceria com a 220 Bike Entregas dos produtos da agricultura familiar na casa dos clientes. Já a Aura Verde Alimentos, juntamente com a Cooperativa dos Produtores Agrícolas do Monte Bonito (Coopamb) e a Cooperativa Sul Ecológica, com apoio da Emater/RS criaram a Feira em Casa, que corresponde a uma caixa de assinatura para que durante o isolamento social, o consumidor continue recebendo sua feira semanal, com produtos da agricultura

familiar, de maneira segura, outras cooperativas e associações vinculadas à agricultura familiar estão atuando de forma semelhante

O sétimo informe do observatório apresentou o trabalho e as articulações realizadas pelo Fórum da Agricultura Familiar da Região Sul. Nesse sentido, realizou-se uma reunião virtual entre a coordenação do fórum e o observatório, onde os colaboradores dos dois grupos tiveram a possibilidade de expor o que vem sendo desenvolvido por cada coletivo, especialmente relacionados à seca e à pandemia da COVID-19. Em suma, considerou-se que os impactos deste período devem contribuir para exacerbar as gritantes desigualdades sociais e econômicas já existentes em nosso país, incluindo o público da agricultura familiar, que para além das dificuldades de produção e comercialização, também padecem frente às desigualdades estruturais de políticas de proteção e assistência social.

O oitavo informe apresentou o debate ocorrido no primeiro evento do ciclo de palestras organizado pelo observatório. Realizou-se uma breve análise das discussões que ocorreram no decorrer das palestras relacionadas à Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional em tempos de pandemia. E o nono informe apresentou uma breve análise a respeito do debate realizado em dois eventos do ciclo de palestras (2ª e 3ª palestras) organizado pelo observatório, tratando das transformações na comercialização e no consumo de alimentos e da agricultura orgânica e agroecológica em tempos de pandemia. As temáticas dos três eventos é abordada no subitem 5.2 que trata do ciclo de palestras.

De uma maneira geral, percebe-se que a estiagem tem impactado diretamente na dimensão produtiva, uma vez que vinte municípios da Região Sul decretaram situação de emergência em detrimento da seca. Frente a esse cenário de dificuldades e perdas significativas da produção agropecuária na região, identificam-se ações tímidas de iniciativas políticas nas distintas esferas e a grande dificuldade constatada decorre da pouca articulação das ações e políticas municipais, estaduais e federais, o que tem fragilizado o combate à estiagem na região. Enquanto a COVID-19 tem impactado principalmente em dificuldades nas formas de comercialização, o que fez os agricultores adotarem distintas estratégias para comercializar a sua produção, os diferentes níveis de acesso a informação não garante a inserção de todos nos mercados alternativos que vem sendo estruturados.

CICLO DE PALESTRAS

O primeiro encontro do ciclo de palestras ocorreu no dia 29 de julho de 2020 e teve como tema central a “Problemática da Seca e da COVID-19 na Agricultura Familiar: apresentação das ações do projeto e situação atual”. O encontro contou com a participação de um representante do observatório da seca e da COVID-19 na Agricultura da Região Sul, um representante da Emater/RS e integrante do Fórum da Agricultura Familiar da Região Sul, um agricultor e representante da Associação Comunitária Escola Família Agrícola da Região Sul (AEFASUL) e cerca de quarenta ouvintes.

No primeiro momento, o representante do observatório fez uma breve apresentação do projeto e do atual cenário da agricultura familiar da região Sul com base nos informativos já realizados. A contribuição do segundo participante trouxe aspectos históricos da região e do fórum, além da importância da extensão rural. Além disso, o palestrante abordou as dificuldades por conta da seca na região e o impacto da restrição das feiras em alguns municípios. O foco do fórum a partir deste encontro foi estender e oportunizar a participação de um maior número de agricultores familiares.

O terceiro participante do encontro é um agricultor da região e também faz parte do Fórum da Agricultura Familiar, contribuiu ao evento mencionando algumas das dificuldades que os agricultores estão tendo por conta da estiagem, como perda de mudas das mais variadas espécies, comprometendo a disponibilidade de alimentos da região e a sobrevivência dos agricultores familiares. Com relação à COVID-19, o impacto maior foi pelo fechamento das escolas, pois muitos agricultores trabalhavam somente disponibilizando produtos para esse segmento. Então, tiveram que buscar alternativas de comercialização para obterem renda. O agricultor conta da sua experiência, onde começou a vender *kits* com diversos produtos pelas redes sociais, durante a semana são realizados os pedidos e as entregas são realizadas em Pelotas e Canguçu. Outro tema abordado foi à perda de público no turismo rural, pois alguns produtores também começaram a trabalhar com esse segmento nos últimos anos e foram afetados pela COVID-19.

Com o fim das falas dos palestrantes, alguns participantes contribuíram com o debate, dentre eles uma participante trouxe sua experiência com os agricultores familiares do nordeste do Brasil e suas estratégias de convivência com a seca. Temas como as feiras online, importância do associativismo, políticas públicas, melhorias no acesso à internet nos espaços rurais e o retorno das chuvas para a região também foram abordados no debate. Os debates colaboraram para uma das principais características da extensão universitária que, segundo Nunes e Silva (2011), é a busca pela participação efetiva da comunidade confrontando conhecimentos produzidos pelas instituições com a realidade dos locais.

No dia 05 de agosto de 2020 ocorreu o segundo encontro do ciclo de palestras que teve como tema central “Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) em tempos de pandemia: o caso da região Sul do Rio Grande do Sul”. Neste encontro estiveram presentes uma professora da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e uma professora da UFPel, ambas representantes do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (COMSEA-Pelotas). O encontro também contou com uma agricultora camponesa, feirante e militante do MPA. Além das palestrantes, em torno de mais quarenta pessoas, entre membros do observatório e comunidade geral, estiveram participando como ouvintes.

A primeira fala foi realizada pela docente da UCPel que destacou a importância do fórum de soberania e segurança alimentar, que pensa na complexidade das famílias em situação de vulnerabilidade social e nas famílias que produzem os alimentos saudáveis. E também a importância das comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, camponeses e pescadores, que continuam suas práticas baseadas no cuidado com a vida e com a natureza. Citando como exemplo a agroecologia que, segundo a palestrante, é um vínculo da soberania alimentar.

A docente da UFPel foi a colaboradora seguinte e trouxe reflexões também sobre o direito humano à alimentação adequada e saudável. Questões ligadas à disponibilidade de alimentos, qualidade desses alimentos e ocupação dos espaços rurais também foram abordadas. Com relação a COVID-19 no Brasil, a palestrante mencionou que o fechamento das escolas afeta não só questões ligadas à educação, mas também questões nutricionais dos alunos que estão sem a alimentação que era realizada nesses espaços.

A terceira palestrante do segundo encontro falou em nome do MPA e buscou ressaltar que soberania alimentar é um conceito que abrange a forma como os alimentos são produzidos. Neste contexto, o MPA busca uma relação mais próxima da natureza e do campo, respeitando o ambiente e as pessoas. Diversos temas do movimento foram abordados na fala da representante, dentre eles plantio em sistemas agroflorestais, questões de gênero, acesso a sementes de qualidade e produção das próprias sementes crioulas. A palestrante ainda contribuiu trazendo a comparação de alguns alimentos, sua forma de plantio e suas contribuições nutricionais,

mostrando a importância de se cultivar um alimento saudável. Depois do encerramento das falas das convidadas, o debate teve como principal tema questões relacionadas às políticas públicas, disponibilidade e acesso aos alimentos agroecológicos.

O terceiro encontro do ciclo de palestras abordou “As transformações na comercialização e no consumo de alimentos após o início da pandemia” e foi realizado no dia 19 de agosto de 2020. Para o debate acerca do tema proposto, o evento contou com a presença de representantes de dois estabelecimentos e de duas consumidoras, todos da cidade de Pelotas. A cooperativa Teia Ecológica foi um dos estabelecimentos presentes no evento, segundo sua representante a Teia Ecológica existe a mais de vinte anos, trabalham com serviços de buffet, pratos servidos e, atualmente, com entregas de marmitas. São parceiros de agricultores vinculados à ARPASul e buscam atender seus clientes com alimentos mais saudáveis. O segundo empreendimento representado no evento é a Aura Verde Alimentos, uma agroindústria que trabalha com processamento de conservas e que neste momento de pandemia começou a trabalhar com grupo de cooperativas e agroindústrias para realizarem o projeto “Feira em casa”. Além dos convidados o evento contou com mais de trinta participantes.

Houve um aumento de participantes no quarto evento do ciclo de palestras, realizado no dia 02 de setembro de 2020, este encontro contou com a presença de sessenta pessoas. O tema abordado foi “Agricultura orgânica e agroecológica em tempos de pandemia: desafios e perspectivas” e teve como palestrantes um representante da Comissão de Produção Orgânica do Rio Grande do Sul (CPOrg/RS) que também é membro do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) e um Agricultor ecológico representando a propriedade Agroflorestal Schiavon. O primeiro palestrante iniciou o evento contando um pouco da trajetória histórica do movimento da produção orgânica e sua importância no contexto atual. Já o produtor rural, segundo palestrante, contou sobre experiência, o porquê de ter iniciado o cultivo orgânico e a transição agroecológica de sua propriedade, além de abordar dificuldades para esse tipo de cultivo e novas oportunidades devido a COVID-19, como entrega de produtos diretamente ao consumidor mediante pedido por redes sociais. Após a fala dos convidados iniciou-se o debate que teve como temas centrais questões ligadas às políticas públicas, extensão rural e apoio técnico em períodos de isolamento social e novas demandas ocasionadas pela situação atual.

Estas palestras e debates que fazem parte do ciclo de palestras também foram reproduzidos no formato de informes para disseminação da pauta para um público mais amplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos elucidados no presente relatório, conclui-se que a extensão universitária se torna relevante, especialmente no contexto em que estamos vivendo. Essa ação agrega valor aos integrantes do projeto, incluindo internos (organização) e externos (população diretamente afetada).

O caráter presencial da extensão é importante para a criação de vínculos com a sociedade, porém no formato realizado neste projeto, através de redes sociais, foi essencial para o período de isolamento social, especialmente como estratégia para manter a universidade em contato com a comunidade.

O acesso a informação e o domínio das tecnologias que permitem o diálogo no formato virtual não se estende a todos os atores sociais envolvidos na pesquisa, razão da dificuldade de difusão da proposta do projeto, principalmente no meio rural. Ao mesmo tempo, cabe reiterar que alguns agricultores participaram do ciclo de palestras, inclusive alguns na posição de palestrantes.

Por fim, evidencia-se que ações de extensão são capazes de proporcionar um ambiente de debate, possibilitando a compreensão dos problemas enfrentados pela comunidade e a troca de informações, para que sejam encontradas possíveis alternativas, nesse caso, para os agricultores familiares. Sugere-se que projetos como o que foi apresentado neste relatório, sejam reproduzidos em outras regiões do país, para auxiliar agricultores familiares que enfrentam dificuldades em diversos âmbitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal. Centro Gráfico, 1988.

FREIRE, P. **Extensão e comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Agricultura familiar e abastecimento alimentar no contexto do COVID-19: uma abordagem das ações públicas emergenciais. **Nota Técnica n. 69**, 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9996/1/NT_69_Disoc_Agricultura%20familiar%20e%20abastecimento.pdf. Acesso em: 7 set. 2020.

MEDEIROS, R. M. V. A produção familiar e suas diferentes formas de representação. *In*: MARAFON, José Gláucio; RUA, João; RIBEIRO, Miguel Ângelo. (org.) **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 169-178.

MINAYO, M. C. De S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 269-393, maio/ago. 2009.

NUNES, A. L. de P. F.; SILVA, M. B. da C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano 4, n. 7, p. 119-133, jun./set. 2011.

QIU, Y.; CHEN, X.; SHI, W. Impacts of social and economic factors on the transmission of coronavirus disease 2019 (COVID-19) in China. **Journal of Population Economics**, p. 1-46, 2020.

SOLÍS, M. J. C.; LEAL, O. E. B.; RIVERO, J. L. A. Extención universitaria y desarrollo local: una perspectiva en construcción. **Revista San Gregorio**, n. 24, p. 16-23, jul./set., 2018.

WANDERLEY, M. de N. B. Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural. Estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. *In*: WANDERLEY M. de N. B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 311 – 328.

Data de recebimento: 17/09/2020

Data de aceite para publicação: 12/11/2020